

MONÓLOGO MULHER

ANA ~~O vestido não era por causa do jantar. Era para ti... Logo hoje. Estava a~~
~~pensar sair da festa mais cedo e irmos por aí... Queria falar-te de uma coisa...~~
~~E depois, como estás sempre a dizer que nunca me visto para ti, que nunca~~
~~solto o cabelo... E quando decide fazê-lo... A cidade fica à beira do fim do~~
~~mundo. O destino é de mais. Acreditas no destino? (Vitor não responde, deixa-~~
~~-se cair de costas na cama) Eu acredito. Acho que está tudo escrito, decidido. Só~~
~~resta saber quem é o autor desta história tão estúpida... (pausa)~~ Tenho andado
a pensar numa história que li há uns tempos, um conto, não me lembro de
quem... Era de uma mulher qualquer. Uma escritora não sei de onde. (pausa)
Um homem decide deixar a mulher que ama. Quando ela lhe pergunta porquê,
ele responde "Porque nunca soltas o cabelo." O homem tinha passado um ano
inteiro a pedir à mulher para soltar o cabelo, quando saíam, quando iam a fes-
tas, quando iam visitar a família dele. A mulher nunca soltou. Porque o cabelo
ainda estava molhado do banho. Porque não dava jeito durante a viagem, ou
porque não tinha um espelho ali à mão e ficava sempre para quando chegassem
aos sítios: quando chegava esquecia-se sempre. O homem andou assim um ano
inteiro. A única altura em que via a mulher com o cabelo solto era quando se
deitavam. Logo depois, apagava a luz... e o homem dormia abraçado à mulher
com os cabelos dela a fazerem-lhe cócegas no rosto e a entrarem-lhe pelo nariz,
pela boca... pelos olhos adentro. A mulher ficou surpreendida com o motivo
pelo qual o homem se ia embora. Disse que não percebia, que ninguém deixava
ninguém só porque não soltava o cabelo. No meio de tantas coisas importantes
o que é que interessa soltar o cabelo. Que percebia quando as pessoas se sepa-
ravam quando já não existia amor, ou quando não havia sexo, ou era horrível.
Quando discutiam muito, quando havia um amante, ou quando tinham gostos
muito diferentes... Mas que não percebia de todo, de forma alguma, como era
possível deixar alguém apenas porque o outro não soltava o cabelo. O homem
começou a pensar como havia de explicar à mulher o porquê da coisa, come-
çou a sentir que não era capaz. Disse-lhe que era importante para ele, sentir
que ela estava com ele quando iam àqueles sítios. E que o cabelo podia ser um
sinal. E que queria sentir orgulho nela quando estava ao pé dos outros. Que ela
ficava de facto muito mais bonita quando soltava o cabelo e era uma coisa tão
simples de fazer. A mulher continuou a dizer que não percebia. O homem

calou-se. "Se ela não foi capaz de soltar o cabelo uma única vez durante um ano inteiro, não vai ser capaz de perceber porque o devia ter feito", pensou. Naquela noite voltou a adormecer no meio dos cabelos da mulher. Espalhavam-se pela cara dele e um bocado pelo corpo. No escuro. Com os olhos fechados. De manhã, antes de saírem para o trabalho, quando ela se estava a vestir ele pediu-lhe novamente para soltar o cabelo. Ela disse que sim. Preparou o pequeno almoço. Comeram. Arrumou a cozinha. Fez a cama. Tocou o telefone. Começaram a ficar atrasados. Depois a mulher não encontrava o gancho para o cabelo. Começou a ficar aflita. O homem encontrou-o no sofá da sala. Deu-lho. Saíram a correr, com a mulher a tentar prender o cabelo. À noite, o homem foi comprar cigarros. Foi-se embora. *(pausa)* Acho que nem sequer fumava. É uma história engraçada, *(irónica)* muito "lindinha" não é? Mas tem o seu quê de verdade. Não sei. O que une as pessoas não são as coisas grandes, o que faz querermos ficar com os outros são coisas muito pequenas que quase não se vêem, que só se sentem, que não se explicam, não se exigem. ~~Não são as casas, os carros, as profissões, a comidinha, o sexo...~~ *(pausa)* O sexo, por exemplo: em Lisboa somos dois milhões, não é? Deve haver pelo menos dez mil homens com quem eu teria todo o prazer em ir para a cama; desses dez mil, pelos menos aí uns três mil teriam gostos semelhantes aos meus e daí uns mil teriam verdadeiras possibilidades de serem alguma coisa na minha vida. No entanto, eu estou-me a cagar nesses gajos todos, não me interessam para nada. E às tantas era o Zé da mercearia, feio como tudo, que cheira mal dos sovacos, que tem ar de ser um pila-mole, que me enchia as medidas. É a forma como se olha, como se sente o que nos toca. São as pequenas coisas que não se vêem, que não existem. Fiquei a pensar nessa coisa do cabelo. Que raio? Será que a mulher não tinha prazer em dar prazer ao homem? Se calhar se ele lhe tem pedido para lhe fazer um broche ela fazia. *(pequena pausa)* Como as outras dez mil.